



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i1.1524>



## “Confesso que perdi, mas foi roubado”: uma entrevista com Juca Kfourri

Thalita Neves

ORCID iD 0009-0005-0667-7770

Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Salvador, Brasil.

**Resumo:** Esta entrevista foi realizada no dia 8 de setembro de 2022, presencialmente, na casa do jornalista e sociólogo Juca Kfourri, em São Paulo. A conversa, conduzida às vésperas das eleições presidenciais brasileiras daquele ano, perpassou temas intrínsecos à carreira e obra de Juca, correlacionando futebol, política e amenidades da vida. O trabalho é parte da tese de doutorado da autora, orientada pelo sociólogo Ronaldo Helal no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A entrevista está registrada em áudio e durou cerca de duas horas. Aqui, o material encontra-se transcrito na íntegra, sem filtros e sem softwares, de modo a preservar a oralidade deste diálogo que, para fins didáticos, divido em oito partes.

**Palavras-chave:** Juca Kfourri; jornalismo esportivo; sociologia do esporte; futebol; ditadura militar; democracia.

### “I confess that I’ve lost, but it was robbed”: an interview with Juca Kfourri

**Abstract:** This interview was conducted in person on September 8, 2022, at the house of the journalist and sociologist Juca Kfourri, in São Paulo. The conversation, led on the Brazilian 2022 presidential elections’ eve, covered topics intrinsic to Kfourri’s career and biography, correlating football, politics, and life’s amenities. This article is part of the author’s doctoral thesis, supervised by sociologist Ronaldo Helal in the Postgraduate Program in Communication at the Rio de Janeiro State University. The interview was recorded in audio and lasted about two hours. Here, the material was transcribed in full, with no filters or softwares, to preserve the dialogue’s orality, which didactly I have divided into eight parts.

**Keywords:** Juca Kfourri; sports journalism; sociology of sport; football; military dictatorship; democracy.

---

\* Pesquisadora de pós-doutorado pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital (INCT.DD/UFBA). Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: thalitanevesufop@gmail.com

## Introdução

José Carlos Amaral Kfourri – Juca Kfourri – nasceu em 4 de março de 1950, na cidade de São Paulo. É graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e tem carreira consolidada no jornalismo brasileiro, com ampla trajetória na *Editora Abril* (revistas *Placar* e *Playboy*), *Grupo Globo*, *Folha de S.Paulo*, *TV Cultura*, entre outros veículos de destaque. Juca Kfourri é conhecido por seu viés investigativo nas pautas esportivas, como no furo em que denunciou a “Máfia da Loteria Esportiva” pela revista *Placar* em 1982, reportagem que quase lhe rendeu o Prêmio Esso de Jornalismo naquele ano. Ao todo, Kfourri acumula sete Prêmios Abril de Jornalismo e chegou a receber o Prêmio Esso em 1991 na categoria Informação Esportiva, pela reportagem especial, também na *Placar*, sobre os 50 anos do Rei Pelé. Atualmente, Juca Kfourri integra a equipe de jornalismo do *Grupo UOL* onde comanda, ao lado de José Trajano, o podcast semanal *Cartão Vermelho*.

Tive a honra e o prazer de entrevistar Juca Kfourri no percurso empírico da minha tese de doutorado. Em termos metodológicos, optei pela técnica da entrevista em profundidade (DUARTE, 2008) para que fosse possível explorar ao máximo os aspectos qualitativos de seu discurso. Pelo mesmo motivo, elaborei um roteiro composto por questões semiabertas, pois estas me permitiriam obter respostas mais densas acerca dos temas tratados. Durante a conversa, não segui o roteiro a rigor, ainda que este documento tenha sido fundamental para que, no tempo que Juca a mim disponibilizou, eu pudesse contemplar toda a minha pauta. Ele me chama pelo nome diversas vezes ao longo da entrevista. Considero que esta é uma importante marca da oralidade – assim como as interjeições, coloquialidades e outras marcas discursivas que perpassam nosso diálogo – por isso, as mantive literais na transcrição.

As perguntas do roteiro foram elaboradas a partir da bibliografia científica que sustenta o percurso teórico de minha tese, envolvendo basicamente três grandes temas: 1) futebol e cultura de massa no Brasil; 2) rivalidades clubísticas e hierarquias urbanas; 3) jornalismo esportivo e construção de estereótipos. Importa ressaltar que, do ponto de vista metodológico, uma entrevista em profundidade difere do modelo convencional de entrevista inerente às práticas jornalísticas: enquanto no fazer-notícia cotidiano recorre-se à fonte por seu testemunho objetivo diante de um fato, na entrevista em profundidade as fontes são vistas como colaboradores que vão auxiliar na busca da tratativa do objeto de estudo e, conseqüentemente, na proposição de reflexões subjetivas sobre o tema.

Vale lembrar ainda que a flexibilidade e o grau de aprofundamento de uma entrevista em profundidade dependem também da disposição do entrevistado, da qualidade de suas respostas, da performance de quem entrevista e das circunstâncias do diálogo. Isso explica, inclusive, minha opção por conduzir a entrevista pessoalmente, presumindo que dessa maneira as respostas seriam mais promissoras, como de fato

foram. Agradeço, portanto, não só a Kfourri pela disponibilidade, generosidade e tato nas palavras, mas sobretudo ao meu orientador de doutorado, Ronaldo Helal, pelas portas abertas com Juca. Ao fim da entrevista, desliguei o gravador e, com a timidez de quem hesitou pedir-lhe uma foto, sugeri a Juca que me autografasse sua biografia “Confesso que perdi”. Ele assim o fez, num esperançoso “autógrafo à Thalita, com a certeza de que ainda vamos vencer”.

## Parte 1) Futebol, política e copas do mundo

*“A única pessoa que tava certa ali foi o Vampeta, que deu cambalhota, bêbado, na rampa do Planalto.”*  
(Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, como você vê a articulação do jornalismo esportivo com as pautas políticas? Porque vira e mexe surgem discussões polêmicas de que não se mistura futebol e política. Em 2018, a gente teve uma declaração do Tiago Leifert dizendo que “quando política e esporte se misturam dá ruim”. Dá ruim, Juca?

**Juca Kfourri (JK):** Mas ô Thalita, isso tudo é de uma estupidez... que eu até criei um neologismo: a “leifertização” da cobertura esportiva no Brasil. Significa que, para se eximir de qualquer responsabilidade maior, transforma-se a cobertura esportiva em mero entretenimento, com o que você evita eventuais ações na Justiça por denunciar malfeitos da cartolagem em geral e se mantém amiguinho das fontes.

**JK:** O Antônio Carlos Magalhães dizia que há duas maneiras de você comprar um jornalista: com dinheiro – que é o mais comum – e com informação: não mexa na minha fonte. Se é minha fonte, eu vou proteger, né? É muito difícil você perder fontes – que é a coisa que eu mais fiz na minha vida! Porque ia até um certo ponto, inclusive com o Rei Pelé. Eu ia fazer a biografia do Rei Pelé... parei ao perguntar pra ele: “Como é que eu escrevo esse capítulo: ‘O dia em que Edson traiu o Rei Pelé?’”

**JK:** Mas, Thalita, a maneira que a gente toma café da manhã é política. É você que prepara o seu café? É quem mora com você que prepara seu café? É uma funcionária que prepara seu café? É o mordomo que traz em baixela de prata? Então é indissociável a política do esporte. E os exemplos são tantos que eu não vou ficar citando pra você porque você conhece – da Olimpíada do Hitler até o Muhammad Ali e o diabo a quatro.

**JK:** Se dá ruim ou se não dá ruim, o fato objetivo é que se constata a presença permanente da política e o uso da política nas vitórias esportivas, em qualquer regime. Regimes ditatoriais fazem isso como se fez em 70 no Brasil, ou regimes democráticos fazem isso como se fez quando o Fernando Henrique, o professor, o sociólogo, obrigou a Seleção Brasileira – depois de uma viagem de 25 horas do Japão pra cá – em vez de ele ir ao aeroporto de Brasília condecorar cada um dos jogadores e mandar todos pra casa pra descansar, os colocou num caminhão de Bombeiros durante sete horas pra fazer o trajeto do aeroporto até o Palácio pra serem condecorados lá. E condecorou o Ricardo Teixeira na sala dele pra que ninguém fotografasse – porque ele sabia quem ele tava condecorando.

**JK:** A única pessoa que tava certa ali foi o Vampeta, que deu cambalhota, bêbado, na rampa do Planalto. Eu sempre digo isso, Thalita, se fosse um ditador que tivesse feito o que o FHC fez, nós até hoje estaríamos dizendo que os ditadores desrespeitavam os Direitos Humanos no Brasil a ponto de até a Seleção Brasileira ter sido maltratada pelo ditador. Mas, como era o Fernando Henrique, passou em brancas nuvens.

**JK:** Eu poderia dizer pra você que eu aprendi com o João Saldanha que futebol e política se misturam – seria uma boa terminação. Mas não, quando eu conheci o João Saldanha eu já sabia perfeitamente... Aí vão dizer: “Ah, sim, porque você fez Ciências Sociais”, mas não se discutia na minha escola o futebol. Eu conto no livro um episódio meu com o Gabriel Cohn.

**JK:** Então eu diria pra você, isso é tão mentiroso que é até estúpido que a gente discuta o quanto a política e o futebol se misturam. Como é que o Macri virou presidente da Argentina? Cê quer mais do que isso? Um país da importância da Argentina que elegeu um presidente que se deu bem no Boca Juniors, com todos os gangsterismos da cartolagem. Todos. Então como é que eu posso dizer que essas coisas não se misturam?

**TN:** Juca, cê falou de ditadura e citou a Copa de 70. No seu livro de memórias, você fala do jogo de estreia do Brasil naquela Copa: Brasil 4 x 1 Tchecoslováquia. Você conta que tinha perdido pessoas queridas sob tortura pelo regime e que pra você foi muito difícil comemorar aquele resultado, né? Estamos em ano de Copa novamente, sediada em um país que viola os Direitos Humanos. Nossa democracia segue ameaçada. Somamos quase setecentas mil mortes por Covid. Cê acha que temos alguma coisa pra comemorar no Catar?

**JK:** Então, veja, eu acho que vamos ter porque, tomara, dia dois de outubro resolveu: o Lula será o presidente que vai tomar posse dez dias depois do final da Copa do Mundo no Catar. Mas o que eu acho que tem que ficar claro é o seguinte: o fato de que política e esporte se misturam não significa dizer que o esporte determina a política.

**JK:** Nesse aspecto, vai lá atrás na história: durante a ditadura do Mussolini, a Itália ganhou duas Copas do Mundo. Nem por isso ele deixou de ser morto pelo povo italiano e pendurado de cabeça pra baixo. O Juscelino Kubitschek era presidente do Brasil em 58 quando o Brasil foi campeão. Ele morreu cassado pelo golpe. Em 62, o João Goulart era o presidente da República. Morreu cassado pelo golpe.

**JK:** Em 70 era um ditador, chamado Garrastazu Médici, que ia pro estádio de radinho de pilha. O quê que a história diz do Garrastazu Médici, Thalita?! Que ele era o presidente torcedor ou o presidente torturador? A Copa é imputada a ele ou ao Pelé, ao Gérson, ao Tostão, ao Saldanha, ao Rivellino?

**JK:** Cê sabe que pouco antes da Copa de 70, a revista *Realidade*, que era então a grande revista brasileira mensal, que foi uma revolução na maneira de fazer reportagem – foi a revista que, digamos, representou no Brasil o que o New Journalism representou nos Estados Unidos... Gay Talese e o diabo a quatro – fez uma capa com Tostão, Gérson e Rivellino, cuja chamada era: “Nestas esquerdas o Brasil confia”. Isso em 70. Em 70.

## Parte 2) Sequestro da camisa verde-amarela

“Você tem que entender: estamos diante de uma estrutura absolutamente enraizada no capitalismo. De que maneira nós podemos pelo menos torná-la menos selvagem?” (Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, que confusão é essa com a camisa verde-amarela?

**Juca Kfourri (JK):** Nós voltamos a fazer essa confusão entre política e Seleção porque a extrema-direita foi pras ruas com a camisa da CBF. Eu mantenho aquilo que eu dizia em 70 pros meus colegas de faculdade, que, embora eu fosse de grupo clandestino – achavam que eu era da polícia porque “num é possível que esse cara torce pra Seleção Brasileira” – eu dizia pras pessoas: eu não permito que a ditadura me roube o que eu tenho de mais íntimo: a minha paixão pelo futebol.

**JK:** Eu não confundo a Seleção Brasileira com a ditadura como eu não confundo o hino do Brasil nem a bandeira do Brasil. Eu não permito que eles me tomem isso. Eu me emociono quando eu ouço o hino do Brasil. Não é o hino do Médici. É o hino do Brasil. E nós vamos recuperar isso.

**JK:** Thalita, não faz muito tempo, pouco antes do impeachment da Dilma, eu fui representando a ABI [Associação Brasileira de Imprensa] num ato aqui no Largo da Batata, em Pinheiros, em que estava o Boulos, a Erundina, a Letícia Sabatella... e tinha lá umas dez mil pessoas no Largo. Chegou a minha hora de falar e eu disse pras pessoas:

“Aqui está um cidadão contra o impeachment, mas aqui está também um jornalista. A palavra de ordem é ‘não vai ter golpe’, mas eu tenho uma má notícia pra dar: não é que não vai ter golpe. Já teve golpe. E a Dilma vai ser impeachmentada.”

**JK:** Eu tomei uma vaia, Thalita, mas de uns três, quatro minutos. Quando acabou a vaia, eu falei assim: “Não é a primeira nem será a última vez que eu sou vaiado por dizer as coisas como as coisas são. Então eu vou repetir pra vocês: já se deu o golpe. E a nossa obrigação daqui por diante é não deixar essa gente dormir uma noite em paz até recuperarmos a democracia no Brasil.” Aí fui aplaudido e coisa e tal. E ao terminar eu disse: “Eu gostaria muito que esse ato acabasse com todos nós cantando o hino do Brasil, pra não permitir que eles tomem o hino do Brasil da gente.”

**JK:** Houve propostas, de gente que eu gosto, de mudar as cores da camisa do Brasil de novo, voltar a ser branca, ou então usar o azul, não usar o amarelo... não! Nós não podemos é permitir que eles nos roubem isso. Não podemos!

**JK:** Então eu vou dizer pra você: eu não vou com grande expectativa pro Catar porque não acho que o Brasil seja favorito pra ganhar a Copa, mas vou ficar muito feliz se ganhar. E se você não viu, veja, o filme do Cao Hamburger, “O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias”, porque ele conta toda a preparação de 70: “Vamos torcer contra o Brasil...”, aí o Rivellino faz o gol e ninguém aguenta! A Dilma conta isso... lá na Torre das Donzelas, numa televisão com palha de aço na antena pra poder ver o jogo. E eu não sei se você já viu “O Futebol nos Tempos do Condor”, do Lúcio de Castro...

**TN:** Sim.

**JK:** Tem um depoimento de uma advogada argentina que tava presa na Escola de Mecânica da Armada, a quinhentos metros do Estádio Monumental de Núñez... e os carcereiros atiraram... cê lembra desse episódio?! Ela diz do sentimento ambíguo, de ambivalência, que ela teve vendo o povo cantando “Argentina, Argentina” [final da Copa de 78], saindo feliz da vida do estádio. Ela dizia: “Eu também tava feliz, só que ao mesmo tempo eu queria dizer pras pessoas: mas aqui estão torturando, estão matando patriotas.”

**TN:** A quinhentos metros.

**JK:** A quinhentos metros. Mas é assim. É assim! Porque se não fosse assim você não estaria fazendo uma tese sobre futebol. Porque o futebol tem essa importância na vida da gente, mexe com as emoções da gente a esse ponto, né? Mas a gente não pode fazer a ligação automática: “Ah, a Seleção de 70 ganhou”, como se dizia na minha turma: “atrasa em dez anos a revolução brasileira”, não! Esta era a palavra de ordem: “Cada gol do Brasil atrasa em dez anos a revolução brasileira.”

**JK:** Da mesma maneira, Thalita, que eu adoro a frase “Ódio eterno ao futebol moderno”, mas eu acho que é só uma frase romântica. Porque não adianta você querer brigar contra a realidade apenas com uma frase de efeito. Você tem que entender: estamos diante de uma estrutura absolutamente enraizada no capitalismo. De que maneira nós podemos pelo menos torná-la menos selvagem?

### Parte 3) Corinthians: time do povo?

*“Vá ao estádio do time do povo e deslumbre-se com mármore, com banheiro de privada automática... é um estupor de luxo.”*

*Do time do povo.”*

(Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, lendo seu livro de memórias, o “Confesso que perdi”, da Companhia das Letras, me chama muita atenção quando você, corintiano, fala que tem o São Paulo como maior rival, e não o Palmeiras. E você diz isso se referindo a uma memória de infância, quando seu padrinho levava você e seus primos ao Morumbi e, na saída do estádio, se o Corinthians perdia, os tricolores gritavam pros corintianos: “Vão pegar o ônibus, seus pobres!” Como foi pra você tomar consciência dessa “disputa de classes” tão cedo?

**Juca Kfourri (JK):** Thalita, veja uma coisa, isso é verdade, tá? Era uma outra realidade. Este meu padrinho tinha uma cadeira cativa no Morumbi – o Morumbi ainda em construção, mas ele já tinha uma cadeira cativa – então era a elite da elite da torcida do São Paulo. E os corintianos iam pra geral do Morumbi. O que mais me amargava era o fato de o Corinthians ter perdido e os torcedores que estavam saindo do estádio serem tratados desta maneira.

**JK:** Se você me perguntar sobre hoje, hoje eu te diria que o São Paulo tem uma torcida tão popular como a do Corinthians. O São Paulo, que era o time da elite, o time dos grã-finos, o pó de arroz – o equivalente ao Fluminense no Rio, né, chamado de pó de arroz – isso não existe mais. É tão popular como o Corinthians. É apenas menor, porque o Corinthians é maior. E ponto. A torcida do Corinthians é maior.

**JK:** Esse estereótipo... eu tô de pleno acordo com você, tá? Começo por aí. Eu acho que são estereótipos, mas que são estereótipos que têm alguma razão de ser, né? Por exemplo, em relação à torcida do Corinthians: o Corinthians tem uma porção de

estereótipos, muito em função do fato de ser o time mais popular de São Paulo, das lutas pela democracia. É inegável que há uma franja na história do Corinthians que tem tudo a ver com as lutas democráticas, exacerbada pela experiência da Democracia Corinthiana, que virou um caso mundial.

**JK:** Mas, veja bem: o Corinthians foi presidido por uma besta-fera chamada Wadih Helu, um deputado da Arena cujo discurso, ou um dos discursos, levou o Vladimir Herzog à prisão e à morte. E que tinha um sítio na periferia de São Paulo onde se torturava preso político. O Joaquim Câmara Ferreira – braço direito de Carlos Marighella – que eu conheci, pra quem eu dirigi, morreu sob tortura no sítio do Wadih Helu. Então, veja, que democratas são esses os corintianos? Nós, os corintianos, no caso?

**JK:** Agora, durante muito tempo, e principalmente durante o período de jejum de títulos do Corinthians, o sofrimento que de uma maneira surpreendente fez com que a torcida do Corinthians crescesse em vez de diminuir, era muito associado ao fato de ser o time dos nordestinos, o time dos negros, enfim, o time do povão. E a gente dizia, Thalita, que a gente ia a campo menos pra ver o time do Corinthians e mais pra nos vermos. Era uma comunhão. Eu, menino, adolescente, começo de vida adulta... eu ia pro meio da torcida do Corinthians... era um conagraçamento! Era uma forma de resistência.

**JK:** E desses vinte e três anos que o Corinthians passou sem ser campeão, de 54 a 77, a maior parte é sob a ditadura. Então tudo isso se misturava. E as pesquisas mostravam – Gallup, Ibope – que a maior parte da torcida do Corinthians votava no MDB, o que estimulava ainda mais o estereótipo, a rotulagem: o São Paulo é a elite, o Corinthians é o povão; o Flamengo é o povão, o Fluminense é o time pó de arroz, embora no Rio você tenha o Vasco, que é tão povão como o Flamengo.

**TN:** E o Flamengo em suas bases é elitista.

**JK:** Então! Thalita, eu sempre digo isso. Houve um momento da história recente de São Paulo em que o governador de São Paulo eleito – Franco Montoro – o arcebispo de São Paulo – queridíssima figura, Dom Paulo Evaristo Arns – e o maior industrial do país – Antônio Ermírio de Moraes – os três eram corintianos. Os três eram corintianos!

**JK:** Ou seja, o Corinthians, a partir de um determinado momento da sua história, passou a ser maioria não apenas no povão. Ele era maioria. No povão, na classe média-média, na classe média-alta e na elite. E na elite! Só que o rótulo já tinha ficado: time do povo. “Todos os times têm uma torcida. O Corinthians é o único que a torcida tem o time.” É uma frase de um jornalista, José Roberto de Aquino, que já morreu. E é claro

que os corinthianos estimulam isso, né: “Corinthiano, maloqueiro e sofredor. Graças a Deus.” Isso é um grito da torcida do Corinthians. É uma marca. Mas cê já foi ao estádio do Corinthians, Thalita?

**TN:** Não.

**JK:** Então você vá ao estádio do time do povo e deslumbre-se com mármore, com banheiro de privada automática... é um estupor de luxo. Do time do povo. Agora, retornando à minha experiência, eu sou um dos poucos corinthianos que têm o São Paulo até hoje como maior rival e não o Palmeiras, exatamente por causa dessa percepção que eu tive ali, criança ainda, no Morumbi, de que havia uma diferença de classe que era insuportável pra mim.

#### Parte 4) Democracia Corinthiana, Sócrates e Seleção de 82

*“Em 94 a Seleção vai pra Copa depois da catástrofe do governo Collor. Ai em maio morre o Ayrton Senna. Então o amor próprio do brasileiro tava lá embaixo. Eu tenho uma tese que jamais poderá ser comprovada: se o Brasil não ganha a Copa de 94, o Lula seria eleito em seguida, porque négo ia falar: Ah, quer saber? Já experimentamos de tudo, o escambau e tal, vamos pôr lá o operário pra ver o que acontece.”*  
(Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, você deu entrevista pra vários documentários sobre a Democracia Corinthiana, né? O que eu mais gosto é o “Democracia em Preto e Branco”, do Pedro Asbeg. Nele você diz assim: “Antes mesmo de chocar a parte conservadora da sociedade brasileira e a estrutura carcomida do nosso futebol, a Democracia Corinthiana chocou a imprensa esportiva em geral. Conta-se nos dedos – de uma mão – quem apoiou o movimento.”

**Juca Kfourri (JK):** Thalita, uma coisa que eu demorei muito tempo pra admitir pra mim mesmo, e que hoje eu falo – e obviamente eu vou falar para uma acadêmica, que está fazendo um trabalho desta importância – a Democracia Corinthiana tem um aspecto que não se pode esconder: ela foi permitida pela Direção do Corinthians. Ela foi estimulada pela Direção do Corinthians, tá? Isso faz toda a diferença do mundo. Eu não estou minimizando o papel do Magro, nem do Casão, nem do Wladimir...

**TN:** Mas se não fosse o Adilson...

**JK:** Isso! Exatamente. Mas a reação da imprensa foi a pior possível: “porque era democracia de três ou quatro...”, “estão falando de democracia só pra poder beber...” e cometiam-se, assim, barbaridades, equívocos. O Magro dizia isso sempre: esse pessoal é tão idiota que não conhece boleiro. Jogador de futebol gosta é de cachaça. Sai do treino, vai pra casa e toma meia garrafa. A gente tomar cerveja, no Bar da Torre, no Parque São Jorge, depois do treino, serve pra quê? Primeiro: ninguém manda descer dez engradados de cerveja. Cada um toma no máximo duas cervejas, se hidrata – ele dizia – e o teor alcoólico é desse tamaninho. E vai pra casa satisfeito. Se não tomar no bar na frente da torcida, do sócio, vai tomar em casa a cachaça, né?

**TN:** Teor alcóolico elevadíssimo...

**JK:** Exatamente. Houve um momento, Thalita, que a imprensa começou a criticar dizendo que, diferentemente dos jogadores europeus – que viajavam de terno e gravata, que chegavam nos treinos bem vestidos – que a Democracia Corinthiana era uma esculhambação, que chegavam de bermuda, de camiseta, de camisa regata... aí eles resolveram: então vamos nos apresentar bem vestidos.

**JK:** No terceiro dia, eu falava pro Magro: “Pelo amor de Deus, volta!” Você precisava ver o que era os mulambos querendo se fazer de elegantes, de gravata e tal. Um negócio horróroso! Não tinha nada a ver com a nossa realidade, entende? Agora, foi uma guerra. Foi uma guerra! Se você olhar, eu posso esquecer, mas, tirando ali a revista *Placar*, o Osmar Santos, dois ou três no *Jornal da Tarde*, em regra era porrada. Só que o Corinthians começou a ser campeão. E aí ficou difícil criticar.

**TN:** Porque aí não era apenas um “Dia 15 Vote”. Era o clube sendo bicampeão.

**JK:** E qual era o fundamento disso, que também o Sócrates dizia: “Ô Juca, cê sabe qual é a diferença? Nós vamos jogar com o São Paulo a decisão do campeonato. Cê sabe por que nós vamos ganhar?” O São Paulo era muito mais time que o Corinthians, Thalita. O São Paulo tinha seis jogadores na Seleção Brasileira, mais um na seleção uruguaia... tinha um belo time. O time do São Paulo era melhor.

**JK:** O Sócrates dizia o seguinte: “Sabe por que nós vamos ganhar? Porque nós vamos passar a nossa semana normalmente, ir pra casa, dormir com a própria mulher...” – com a namorada, com o namorado, com quem quer que seja – “...vamos nos encontrar no domingo pra almoçar no hotel e vamos pro jogo, fazer aquilo que a gente mais gosta, que é jogar futebol.”

**JK:** “Cê sabe como vai ser a semana do São Paulo? Vão passar a semana inteira enclausurados na concentração, um olhando pra cara do outro, jogando baralho, jogando não sei o quê... pensando: quando o jogo acabar, nós tamo livres.” O jogo era os últimos noventa minutos em que eles tavam obrigados a fazer alguma coisa. “Opa! Acabou o jogo, tamo livre, podemos ir pra casa.” É claro que isso faz toda a diferença do mundo. Toda a diferença.

**TN:** E sobre a Copa de 82? ...que ficou conhecida como a Tragédia do Sarriá, que tinha o Sócrates como capitão... ali enterrou-se de vez o famoso futebol-arte brasileiro. Essa derrota enfraqueceu a Democracia Corinthiana de alguma forma?

**JK:** Não, a derrota não enfraqueceu a Democracia Corinthiana. Eu te diria o seguinte: a Seleção de 82... essas coisas não acontecem por acaso! Elas só foram possíveis porque nós vivíamos em 82 já quase mais da metade do processo de distensão lenta e gradual.

**TN:** Porque o clima tava bom, pela redemocratização e tal... até a Emenda Dante de Oliveira perder no Congresso.

**JK:** Íamos ter eleição pra governador, coisa que não tínhamos desde 65, né? Curiosamente, tínhamos o único presidente da CBF com quem eu tive uma convivência pacífica, embora fosse um conservador, mas era um homem de bem: Giulite Coutinho. Não era um ladrão. Não usou a CBF pra ficar rico, como os outros.

**JK:** Então tinha um clima! E tinha o Telê! Ali, a tristeza, principalmente pra quem acompanhou de perto, mas mesmo pra quem não acompanhou de perto... Ali era o seguinte, Thalita: o Sócrates, o Zico, o Falcão, o Leandro... eram pessoas que cê queria levar pra casa, cê queria ser amigo. Eram pessoas adoráveis na convivência. E isso transparecia no jeito de jogar e no jeito de se comunicar com a torcida brasileira. Então foi uma derrota em que afetos foram magoados: “Ah! Essa gente merecia ser campeã! Essa gente tão simpática!” E o mundo olhou assim. Eu sempre conto isso: teve um jornal andaluz que deu como manchete: “Não se entende mais esse mundo. Brasil eliminado.” Foi um choro.

**TN:** Era a primeira Copa que você tava cobrindo, né?

**JK:** In loco sim.

**TN:** Eu me lembro desse capítulo do seu livro, em que você conta de Sevilha, que cê ficou amigo do cara lá do hotel e ele te liberou uma suíte presidencial pra você receber sua esposa!

**JK:** Isso, isso.

**TN:** Então são de fato muitos afetos.

**JK:** Exato, entendeu? Tinha todo um clima que a derrota transformou num desastre, o “Desastre de Sarriá”, mas porque tinha um Brasil também pulsante. É o inverso de 94 nesse aspecto. Em 94 a Seleção Brasileira vai pra Copa depois da catástrofe do governo Collor, primeiro presidente eleito... em 90 na Itália é o governo Collor... Diretas Já. Primeiro presidente. Impeachment. Aí em maio morre o Ayrton Senna. Então o amor próprio do brasileiro tava lá embaixo.

**JK:** E o time ganha! O time ganha já sob os efeitos da política do Real, da bem-sucedida guerra contra a inflação. E eleger o Fernando Henrique. Se o Brasil – aí sim cê tem uma relação direta entre uma vitória esportiva e um resultado eleitoral – eu tenho uma tese, que jamais poderá ser comprovada: se o Brasil não ganha a Copa de 94, o Lula seria eleito em seguida, porque nêgo ia falar: “Ah, quer saber? Já experimentamos de tudo, o escambau e tal, então vamo pôr lá o operário pra ver o que acontece.” Entendeu?

## Parte 5) Silêncio na favela

*“Nós expulsamos os excluídos até dos estádios de futebol. E a gente não pode achar que isso é normal.”*  
(Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, outro dia vi um documentário sobre o FlaFlu, o “40 Minutos Antes do Nada”, do Renato Terra, em que o Francisco Bosco dá um depoimento dizendo que, quando ele escuta o canto da torcida tricolor pra torcida do Flamengo – “ela ela ela, silêncio na favela” – que ele acha isso de uma poesia enorme. O que tem de poético nesse canto?

**Juca Kfourri (JK):** Então, veja bem, nós poetizamos a favela. “Ave Maria no Morro!” Cê quer uma coisa mais poética? Mais tocante? Mas essa é uma maneira também – e isso é complicado – de a gente normalizar uma situação que não poderia ser normal.

**TN:** Tanto é que os torcedores da favela não estão nos estádios hoje, né? Corinthians e Flamengo têm as maiores torcidas do Brasil e, com o fenômeno da arenização, a gente não vê essas pessoas nas arquibancadas.

**JK:** Exatamente. Thalita, eu tive dois choques assim, já bem maduro, que me abalaram. Eu fui fazer a final da Libertadores da América – Fluminense e LDU – no Maracanã. E a torcida do Fluminense deu um show naquela noite. Eu fui comentar pela CBN e eu me lembro de ter dito antes de o jogo começar que, se o Steven Spielberg estivesse no Maracanã, ele teria uma aula de efeitos especiais, porque o que a torcida do Fluminense estava fazendo era uma coisa, assim, espetacular.

**JK:** Em seguida começa o jogo e eu começo a prestar atenção: não tinha um negro. Não tinha um negro! Do meu campo de visão, da tribuna de imprensa, da cabine da rádio... não tinha um negro! E anos depois, Thalita, eu fui fazer um jogo da Copa das Confederações em Salvador, a cidade proporcionalmente mais negra do Brasil, e de negros só tinham o jardineiro cuidando da grama e alguns funcionários do bar. Na torcida, na Fonte Nova, era um jogo de uma seleção europeia contra uma seleção africana, e não tinha um negro. Em Salvador!

**JK:** A arenização, a higienização que se deu nos estádios, é uma coisa de maluco. Quer dizer: nós expulsamos os excluídos até dos estádios de futebol. E a gente não pode achar que isso é normal. Aí as pessoas argumentam: “Ah! Mas o futebol tá muito caro!” Se não faz dinheiro, o torcedor reclama: “Também, se você vai ao Madison Square Garden você não vê torcida popular no ginásio...” Não é problema meu. É deles, né?

**JK:** Eu não sei se ainda hoje isso existe, mas houve uma época, pelo menos houve, que em Wembley, no mais glamuroso torneio de tênis do mundo – que serve morango com chantilly – tinha uma região popular, que provavelmente o cara mal via a bolinha, mas ele tinha o prazer de poder dizer: estive na final de Wimbledon e tá aqui meu ingresso, vou mostrar pro meu neto!

**TN:** Isso é contraditório, porque, por exemplo: na sociologia a gente tem essa visão de que o futebol, por ser um fenômeno de massa, reflete os problemas da sociedade. E, também por ser um fenômeno de massa, o futebol possibilita uma pretensa quebra de hierarquias. Mas hoje o que a gente vê é que o futebol é um dos terrenos mais férteis pra se propagar discriminações raciais, de orientação sexual, de gênero... E isso demorou muito a ser criminalizado no Brasil, né? O racismo foi considerado crime somente em 89. Nós temos a Lei Maria da Penha que é recente, é de 2006. A homofobia foi criminalizada outro dia pelo STF. Como você vê essa questão?

**JK:** Então... uma coisa que eu sempre ouvi dizer – e que tem razão, tem fundamento – é que havia dois lugares muito democráticos no Brasil: os estádios de futebol, por esse fenômeno: ricos e pobres se abraçam na hora do gol do seu time; e a praia, porque está todo mundo de calção, as mulheres de maiô e não se faz diferença, junta tudo.

**JK:** Isso seria a prova provada de que no Brasil não tem racismo, de que o Brasil é um país de interrelações absolutamente normalizadas e tal. E a gente sabe o quanto isso é hipocrisia, o quanto isso é autoengano, que nós adoramos fazer – nós, brasileiros – pra não olhar pras nossas mazelas.

**JK:** E é como você disse, todas essas mazelas começaram a ser criminalizadas muito recentemente. Então, você encontra gente boa que diz: “Não, esse negócio de coro de bicha no estádio, isso não é preconceito. Isso é uma maneira de provocar o adversário, de desestabilizar o adversário. Vocês querem o quê? Que as pessoas vão pro estádio e joguem flores umas nas outras?”

**JK:** Pois veja, Thalita, em 69 o Brasil jogou contra o Paraguai pelas eliminatórias da Copa do Mundo e o jogo de lá nos Defensores Del Chaco foi uma guerra. Uma guerra! No jogo da volta aqui no Brasil, no Maracanã – eu fui a esse jogo, eu ainda nem era jornalista, eu fui como torcedor – a palavra de ordem era: “Vamos receber os paraguaios com flores, vamos dar uma lição nesses bugres, vamos dar uma lição nesses ‘índios’... nesses não civilizados.”

**JK:** Opa, como é que é?! O Paraguai teve universidade muito antes do Brasil. O Solano López – que juntou Uruguai, Argentina e Brasil contra ele – era nesse campo quilômetros mais avançado, mais progressista, do que eram os nossos. Então, ao contrário, eu acho que o futebol tem sido um reprodutor de preconceitos. E de uns tempos pra cá, nesse clima de ódio, de antagonismo que o Brasil tá vivendo, isso se exacerbou.

**TN:** Tá legitimado, né?

**JK:** Completamente.

## Parte 6) Ascensão pelo futebol: jogador caro (não) toma partido

*“É a teoria do self-made man, entendeu? Eles reproduzem isso. Então o quê que eles querem? O carro blindado, o condomínio... segurança. E bala. Bala em bandido.”*  
(Juca Kfoury, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, falamos da consciência política de atletas como Sócrates, Wladimir e Casagrande, que tomavam partido mesmo sabendo das retaliações vindas

inclusive da própria imprensa esportiva. Hoje em dia poucos jogadores se posicionam politicamente. Como exemplo cito o Juninho Pernambucano, que é um crítico contumaz da CBF, e o Reinaldo, opositor ferrenho da ditadura. Reinaldo chegou a dizer que foi retirado daquela final de 77 pelos ditadores, atrelando os maiores infortúnios da história do Atlético Mineiro à ditadura. Enfim... Você acha que os atletas brasileiros poderiam, deveriam, se posicionar mais?

**Juca Kfourri (JK):** Então... o que a gente mais vê são atletas que reforçam o discurso autoritário, né? O discurso de direita. Primeiro, Thalita, vou deixar claro pra você: eu aprendi na minha vida a não exigir heroísmo com o pescoço alheio, tá? Eu vi o que aconteceu com o Paulo André. O Paulo André começou a liderar aquele movimento do Bom Senso Futebol Clube, e, por pressões, acabou sendo exportado pra China.

**JK:** Você poderá dizer: “Ah, mas que exílio dourado! Foi lá ganhar um dinheirão!” É verdade. Mas ele não queria ir. E quando ele volta, ele ouve do Vanderlei Luxemburgo, que era o técnico do Cruzeiro: “Olha aqui, Paulo André, se você quer ser titular – e você é meu titular – saiba que o presidente me disse que se você continuar falando não vai poder ser titular.” E aí o Paulo André se cala. Ele me disse isso aqui, sentado nesse sofá: “Juca, eu só tenho mais um ano e meio de carreira.” Eu o compreendo.

**JK:** O que acontece, Thalita, é que, em regra, os atletas brasileiros vêm de classes excluídas, principalmente no futebol. Têm carreira curta. A tendência é que eles se voltem para os próprios umbigos. No máximo, se preocupem com a família deles e com os “parça”. Mas, o entorno maior, que se lasque: “Eu não quero é que o trombadinha venha me roubar no meu carro e tomar aquilo que eu conquistei tão duramente. Se eu me fiz, ele também poderia se fazer.” É a teoria do self-made man, entendeu? Eles reproduzem isso. Então o quê que eles querem? O carro blindado, o condomínio... segurança. E bala. Bala em bandido.

**TN:** Eles vêm de classes excluídas, com o sonho de ser jogador de futebol... e aí o futebol é esse instrumento de ascensão, e quando se chega lá...

**JK:** Isso! Por isso que eu adoro o Adriano! Com todos os problemas do Adriano, né? A fidelidade que ele tem ao lugar onde ele nasceu. Esse documentário sobre ele é magnífico.

**TN:** Esse eu não assisti ainda.

**JK:** É magnífico. E cê viu o do Casagrande?

**TN:** Eu vi o do Casagrande.

**JK:** Pois então vou te falar uma coisa, Thalita: veja depois o documentário do Adriano e me escreva. Porque eu já perguntei isso pro Casão e o Casão falou: "Você tem toda razão!" Eles têm tanta semelhança, tanta semelhança, que até o gestual é parecido. Até o gestual é parecido! Há sorrisos do Adriano que você identifica no sorriso do Casão. Alguns sorrisos inclusive que só a boca sorri e os olhos não. A questão da briga contra a dependência química... é magnífico!

**TN:** Eu nunca tinha pensado nessa relação. Acredito que assistindo eu perceba.

**JK:** Veja! E não por acaso é dirigido pela mesma diretora.

**TN:** A Susanna, né?

**JK:** Isso. Que é uma craque. Mas, enfim, então tem isso: o atleta se preocupa é com o jogo no domingo... em bater o recorde. E o resto dane-se. E não é um fenômeno brasileiro, Thalita. Tanto não é que a gente conta nos dedos, né... cê sabe que eu tenho um episódio, acho que eu conto no livro, com o Daniel Cohn-Bendit – o Dany Le Rouge – que foi um dos líderes do Maio de 68 na França. Ele era estudante da Sorbonne – ele e mais um que agora me foge o nome são considerados os dois grandes líderes do Maio de 68, do "É Proibido Proibir"... Eu tava aqui em casa... mentira... eu tava no meu carro, tocou meu telefone, eu atendi e ouvi: monsieur Jucá?

**JK:** Pensei: é sacanagem de alguém. E falei: oui oui, monsieur Jucá. E aí ele disse: aqui é Dany. E eu disse, agora em português: Que Dani? Monsieur Jucá, je suis Dany. Que Dani? Eu conheço uma porção de Dani. Meu filho é Dani. E não é você! Monsieur Jucá, je suis Daniel Cohn-Bendit. Dany Le Rouge!

**JK:** Eu falei: porra, é mesmo! Parei o carro. Aí ele me contou que ele vinha vindo pro Brasil... isso foi um pouco antes da Copa de 2014... que ele vinha pro Brasil fazer um documentário marginal sobre a Copa do Mundo e que queria me entrevistar. Então primeiro ele veio aqui em casa terminar a pesquisa dele. Depois ele comprou uma Kombi, pintou a Kombi em homenagem ao Sócrates e fez a viagem... ouviu o Raí, falou comigo em Brasília, enfim... é um documentário que cê vê no YouTube – não me lembro o nome, mas é só pôr o nome dele que cê vê lá – ...e ele chegou aqui em casa e perguntou pra mim: "Por que os jogadores brasileiros são tão combativos, tão conscientes politicamente?"

**JK:** Eu falei: "Como é, Dani?"

**JK:** Ele falou: "Sim. É um fenômeno. Os jogadores brasileiros participam politicamente."

**JK:** Eu falei: "Quantos, Dani? Quantos? Cê não enche duas mãos. Me diga!"

**JK:** Aí ele começou: “O Reinaldo, o Sócrates, o Wladimir, o Casagrande, o Tostão, o Juninho Pernambucano, o Paulo André.”

**TN:** Parou aí.

**JK:** Parou aí. Então ele olhou pra mim e falou assim: “Tá bom, agora me faça essa mesma conta com os europeus.” E eu até não sabia fazer. Falei do Paul Breitner, que foi maoísta, que era um jogador da seleção alemã, importante e tal; o Cantona... bom, depois até teve o filme do Cantona, Os Rebeldes do Futebol, que tem lá o pessoal dos Balcãs – que tem três ou quatro que são militantes e tal – e mais o Caszely no Chile, que virou também um paradigma, né, o cara que deixou o Pinochet com a mão no ar! E aí tem o Muhammad Ali e os dois atletas olímpicos americanos que fizeram o gesto das Panteras Negras – Tommie Smith e John Carlos – enfim, são pouquíssimos.

## Parte 7) Rivalidade, meritocracia e distribuição de renda no futebol

*“Vá ver um jogo do Santa Cruz no Mundão do Arruda. Você fica entre a vontade de abraçar um por um ou de cair no mais profundo dos prantos.”*  
(Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, lembro de uma chamada clássica na *Placar* em que você diz: “A Fiel Verde está feliz”, em alusão a uma boa campanha do Palmeiras. No dia seguinte a torcida do Corinthians leva uma faixa pro estádio e canta: “Ê ê ê, o Juca vai morrer.” Na faixa está escrito: “Juca Kfourri, só existe uma Fiel torcida.” Outro dia ouvi do Plínio Negreiros: “Os corinthianos em geral não gostam do Juca Kfourri.” É verdade isso?

**Juca Kfourri (JK):** É verdade.

**TN:** Por que?

**JK:** Porque eu não confundo a minha paixão pelo Corinthians – e só tô seguro dela até porque passei vinte e três anos jejuando e não deixei de ser corinthiano em nenhum momento – eu não confundo a minha paixão pelo Corinthians com as mazelas do Corinthians, que eu denuncio. Eu já cheguei no Pacaembu pra ver um jogo do Corinthians, em plena fase da MSI [Media Sports Investment] – que era dinheiro sujo da Rússia, da máfia russa, de contrabando de arma, daquele Berezovsky, que foi morto

pelo Putin – e nêgo fez coro contra mim porque disse que eu era contra a contratação do Tézé. Por quê? Porque eu disse que a contratação do Tézé tava sendo feita com dinheiro sujo e que isso tinha um nome: doping financeiro. E aí, é claro, eu disse que o estádio do Corinthians seria não a solução da vida do Corinthians, mas provavelmente uma barreira para o futuro do clube, sendo construído como tava sendo.

**TN:** Falando em estádios, vamos agora pro Nordeste, onde as equipes costumam sofrer com as hierarquias urbanas, por estarem fora do eixo socioeconômico do país e tal. Mesmo assim, clubes como Santa Cruz, que joga série B, C, D atualmente, batem recordes de público. Como isso se explica?

**JK:** Paixão é paixão. Santinha é um fenômeno, absolutamente. Tem dois clubes no Brasil que me chamam muita atenção nesse aspecto: o Santa Cruz e o Bahia.

**TN:** Sim! Você dá um depoimento no documentário “Bahêa Minha Vida”, acho que falando do campeonato de 88, né? E aí você fala da dimensão do Bahia... que o Bahia é um dos maiores do Brasil no sentido de popularidade, coisa e tal.

**JK:** Thalita, a torcida do Bahia é a única torcida na história do futebol brasileiro que levou o clube a fazer uma revolução política e a democratizar suas estruturas. Foram 50 mil pessoas pra praça Castro Alves num belo sábado à tarde! E acabaram com uma dinastia que existia no Bahia – estimulada pelo ACM [Antônio Carlos Magalhães], com gente dele – e democratizaram as eleições no clube e tomaram o clube. Nenhuma outra torcida fez isso. A do Flamengo não fez. A do Corinthians não fez. Nenhuma fez. A torcida do Bahia fez. Então, é por aí que eu me apaixono pelo Bahia.

**JK:** E sobre o Santinha... vá ver um jogo do Santa Cruz no Mundão do Arruda. Você fica entre a vontade de abraçar um por um ou de cair no mais profundo dos prantos. Porque é uma paixão... É uma paixão de gente humilde! De gente pobre! De gente que paga lá o seu suado ingresso... de fazer lá um queijo coalho, que é uma delícia, mas não tem perspectiva, Thalita. Não vai desaparecer porque tem muita gente. Inclusive já foi o clube mais popular de Pernambuco. Hoje é o Sport, né? E você tem o Náutico...

**TN:** O Náutico tem um estereótipo elitista bem grande.

**JK:** Exatamente. Isso que eu ia dizer. O Náutico fez uma bobagem enorme, que foi, durante algum tempo, abandonar os Aflitos e ir jogar na Arena Pernambuco. Foi quando o Náutico caiu... porque nos Aflitos eles punham o número de torcedores meio limite deles: doze mil, treze mil e lotavam sempre os Aflitos. Doze mil, treze mil na Arena Pernambuco, desaparecem. E usavam de expedientes, digamos, pouco esportivos: o gramado era muito ruim e tal, tal, tal... e assim o Náutico sobrevivia. A

partir do momento que saíram dos Afritos... agora reformaram e voltaram, mas estão com dificuldade de se recuperar.

**JK:** Porque também é muito difícil... a distribuição de riqueza no futebol brasileiro é o que a gente sabe, tanto é que tá dando essa briga toda. A Liga não sai porque os mais ricos não querem abrir mão de 5% do que ganham. E não vai ser assim que cê vai solucionar o futebol brasileiro. Os grandes têm que abrir mão de parte do que ganham porque ganharão mais a partir do momento em que essa coisa for estruturada de maneira mais competente, do ponto de vista do capitalismo. Essa é que a merda, Thalita. Eu digo isso pras pessoas e as pessoas às vezes não entendem.

**JK:** Enfim. O muro de Berlim caiu. Eu fiquei muito surpreso. Caiu. E aí você olhava: ninguém da Berlim Ocidental queria ir pra Berlim Oriental. E as pessoas da Berlim Oriental iam pra Berlim Ocidental. Eu nunca me esqueço do seguinte, Thalita, eu era da ALN [Ação Libertadora Nacional], fui cobrir um ponto na Avenida Paulista – Marighella já tinha sido morto, já tava uma desgraça – e tavam construindo... eu nunca sei, se eu confundo... se tavam construindo o Banco de Tokyo ou a FIESP – o Prédio da FIESP – eu com meus vinte e dois anos de idade, eu olhei praquilo e falei:

**JK:** Meu Deus, isso aqui nunca vai ser uma colônia de férias de operário! O Brasil não é Cuba. A gente não vai ganhar do Exército Brasileiro. Não tem a menor chance. A menor. O capitalismo tá arraigado no Brasil. Nós vamos ser massacrados. E assim mesmo você olhava e dizia: Bom, e aí? O quê que eu faço? Não cubro o ponto? Vou embora e deixo o cara com quem eu tenho que me encontrar achando que eu fui preso? Não. Cubro o ponto. Em bom português: foda-se. Já tamo aqui mesmo, vão bora.

**JK:** Hoje, eu olho a minha retrospectiva e digo: por que que eu confesso que perdi? [em referência ao título do livro “Confesso que perdi”] Porra! Porque cinquenta anos atrás eu sonhava com um país e cinquenta anos depois eu continuo a sonhar com esse mesmo país, embora tenhamos tido um momento em que até a *The Economist* reconheceu que o Brasil decolava, com um operário que pôs o pobre no orçamento e tirou tanta gente da linha da pobreza, do mapa da fome e o escambau. E será com esses instrumentos. Não adianta.

**JK:** Seria muito fácil pra mim dizer que eu permaneço o mesmo, com os mesmos ideais de quando eu tinha vinte anos. Não! Os ideais, sim; as formas de luta, não. Nós perdemos porque nós estávamos errados. Porque romanticamente, por sensibilidade, por revolta, interromperam o processo democrático que elegeu o presidente em 65... – que não tinha nada de comunista, que era o Juscelino Kubitschek! – ...então, era justo, natural, que naquela idade, a gente pensasse: “Che Guevara, Vietnã... vamo que vamo, vamos fazer aqui também!” Só que não dava. Aqui não dava. E aqui não dará se a gente

achar que vai fazer na porrada. A gente vai ter que comer pelas beiradas, olhando pra mesma coisa.

**JK:** Então hoje quando me perguntam: você é um cara de esquerda ou de direita? Pra não chocar ninguém eu digo: eu sou um humanista, que aposta na inclusão e que não acha a exclusão natural. A exclusão não é natural. A exclusão é o resultado de uma política maléfica, de um capitalismo selvagem. E isso eu combato. "Ah, mas então você é comunista!" Comunista é o ideal cristão: "De cada um, de acordo com suas habilidades; a cada um, de acordo com suas necessidades." Isso é Marx ou Jesus Cristo?! As pessoas não sabem nem responder. E assim a conversa toma um rumo civilizado.

**JK:** Mas é isso. E no futebol é assim também. Não é possível que o Flamengo, que o Corinthians, que esses que têm a multidão de torcedores que têm... e que acabam vampirizando os menores – porque precisa dos menores pra ter campeonato... não é o menor que vampiriza o grande, é o grande que vampiriza o menor... – ô Thalita, qualquer dirigente com o mínimo de competência, que tenha trinta milhões de clientes fiéis, faz disso um império.

**JK:** E o que distingue o futebol brasileiro do futebol europeu, por exemplo, é o seguinte: Real Madrid e Barcelona dividem o bolo na Espanha porque o La Coruña, o Sevilla, não têm uma massa torcedora como tem o Grêmio, como tem o Inter, como tem o Atlético... em centros menores! Mas se cê tem três milhões de clientes, você faz frente a quem tem trinta, se você for capaz de gerir bem. Mas tem que ter uma base igual pra todos. E não temos. Cê tem que partir de uma base que é igual pros vinte que jogam o Campeonato Brasileiro. É a coisa da meritocracia brasileira...

**TN:** ...nunca partimos de bases iguais.

**JK:** É isso. Eu parto na sua frente, cem metros. Que meritocracia é essa?

## Parte 8) "Não há derrotas definitivas para o povo"

*"Eu não acredito em jornalista que não queira melhorar a esquina da rua onde mora, a cidade onde vive, o país em que nasceu e, com o perdão da pretensão, melhorar o mundo. Se não for isso... aí vai ser publicitário!"*

(Juca Kfourri, 2022)

**Thalita Neves (TN):** Juca, eu admiro muito a sua sensibilidade. Acho que a sensibilidade é a maior virtude de um jornalista e...

**Juca Kfourri (JK):** Sim, sim.

**TN:** ...e você sempre me emociona muito. A gente falou aqui do documentário do Casão. Eu me emocionei assistindo, quando você conta da ida do Casagrande pro Flamengo... e daí teve um Corinthians x Flamengo, em 93, que a torcida gritava: “Volta Casão! Seu lugar é no Timão!” ...e parecia que ele não entendia o que estava acontecendo no estádio. Você foi encontrá-lo no vestiário. Casão chorando feito uma criança, sem se dar conta de que ele era um agente político muito importante no futebol. E aí você disse pra ele: “Casão, esse povo te ama!” Enfim... Juca, nós falamos aqui do quanto futebol e política se misturam e se discutem. Mas e futebol e amor? Pergunto isso porque a gente sabe que o Casão é um cara assim mais apaixonado... ele meio que luta até hoje por amor a causas que às vezes nos parecem perdidas, né?

**JK:** Thalita, você roubou daqui as palavras! O Casagrande protagonizou um momento raro na televisão brasileira, num *Redação SporTV* – não, não chamava *Redação SporTV* – num programa de tarde na *SporTV*, eu não me lembro o nome, que era apresentado pelo Cléber Machado. Foi uma das últimas aparições do Sócrates na televisão, já bem combatido. Sócrates, Casagrande, Cléber, mais dois ou três jornalistas.

**JK:** De repente, o Casão olha pro Sócrates e diz assim: “Magrão, eu sempre quis te dizer isso: Eu amo você. Eu te amo.” E o Magro, que era um azougue, ficou desconcertado. Thalita, ele não sabia o que responder. Eu tava lá em cima, vendo. Eu pensei: agora o Magro vai dizer pra ele: “Casão, eu também te amo.” E o Magro não conseguia dizer. Então, tirante nas novelas, eu nunca tinha visto – e nem era nas novelas uma coisa frequente – de um homem poder dizer pro outro ‘eu te amo’.

**TN:** Ainda mais no futebol, né?

**JK:** E o Casão disse, pro Magro. Thalita, cê sabe por que que o Sócrates virou capitão da Seleção Brasileira?

**TN:** Por que?

**JK:** Vou te contar: o Telê tinha uma dúvida de quem seria o capitão, o Zico ou o Falcão, que eram os dois melhores jogadores da Seleção Brasileira, né? O Falcão já Rei de Roma – tinha sido campeão pela Roma em 81-82... o título que a Roma disputava há 40 anos sem conseguir – e o Galo era o ídolo do Flamengo e tal. A Seleção Brasileira chega em

Sevilha pra começar os preparativos dela na Espanha. No aeroporto de Sevilha vem a imprensa do mundo inteiro e tal. O Magro vem andando com o Telê. E um jornalista francês pergunta pro Magro na frente do Telê: "Quem é melhor: Zico ou Platini?" E o Magro olha pro cara e fala assim: "A pergunta tá errada. A pergunta é: 'Quem é melhor, Zico ou Falcão? São os dois melhores do mundo.'" O Telê depois me contou: "Ali eu decidi..."

**TN:** ...que o Sócrates seria o capitão.

**JK:** "Ele põe os dois na frente dele! Eu não tenho que escolher entre um e outro. Não vou criar ciúmes e vou escolher o cara que põe os dois na frente. É esse cara que eu quero!" Era, antes de mais nada, uma relação amorosa que eles tinham. Então eu não consigo dissociar nada do afeto. Nada. Porque, se não for com afeto, as coisas não valem a pena. São coisas tão singelas e tão óbvias como o seguinte: cê sabe por que que a gente envelhece? Qual é a compensação pra gente envelhecer? É ter netas.

**TN:** Sim! Cê sempre fala muito das suas netas, a Luiza e a Julia.

**JK:** Mas é! Cê num é capaz de imaginar o que isso significa! As duas, desde que nasceram, todo fim de semana vêm pra cá. Uma tá com dezessete anos – uma petista desvairada! – a outra tá com quatorze e não quer nem saber de política. Mas elas continuam vindo todo fim de semana pra cá. Claro que agora tem as noites de balada, então vou levá-las e tal. Mas não tem o que pague. Isso é pra tudo. E isso é dentro da Redação. Tem um ditado espanhol que diz o seguinte: "Redacciones aburridas hacen periódicos aburridos." É isso. Se você não tocar uma Redação com amor, com alegria... com espírito de grupo... por mais tensa que seja a profissão, por mais cobrança que haja na profissão, por mais prazos que haja na profissão...

**TN:** ...talvez por haver tantos prazos e cobranças é que a gente tenha que aliviar por esse lado.

**JK:** Isso. Você tem que ter confiança nas pessoas e cê tem que saber que um não larga a mão do outro. Thalita, sempre que eu faço palestra pra estudante, eu digo que não acredito em jornalista que não queira melhorar a esquina da rua onde mora, a cidade onde vive, o país em que nasceu e, com o perdão da pretensão, melhorar o mundo. Se não for isso...aí vai ser publicitário! Pagam muito melhor. Cê fica rico, milionário, sendo publicitário!

**JK:** Mas, se eu escolhi essa profissão, foi de alguma maneira pra exercer aquela militância – que num determinado momento da minha vida me punha em risco de ser preso, de

ser morto e tal – na profissão de jornalista. Tem muito jornalista que me diz: “Ah! Não me venha com missão. Jornalista é uma profissão como outra qualquer.” Pra mim não.

**TN:** Eu acho extremamente missionário.

**JK:** Eu também! Esse caráter de fazer as coisas com amor é o que nos distingue. Eu tenho um amigo que diz [em referência ao título do livro “Confesso que perdi”]: “Pelo menos deveria chamar confesso que perdi, mas foi roubado.” O confessar que perdi não significa que eu tenha desistido. Eu tô correndo atrás de ganhar ainda.

**TN:** No epílogo do livro você cita uma frase do Evaristo Arns que é mais ou menos a esse respeito.

**JK:** Exatamente. Se a festa não chegou é porque a luta continua: “Não há derrotas definitivas para o povo”, diz Dom Paulo Evaristo Arns. E tamo aí de novo, Thalita. Passamos todo esse período desgraçado de 2013 pra cá, né? São nove anos que esse inferno começou no Brasil, que a gente descobriu que tem aí 20% de brasileiros... que a gente viu com quem nós vamo ter que lidar. Mas nós vamo ganhar! E se há alguém capaz de convencer 10% desses vinte, é esse pernambucano.

**JK:** Ele tem uma capacidade de sedução e de juntar as pessoas que é admirável. É admirável! E cê conversa com ele... ele tá muito melhor do que ele era. Não se pode falar isso em público porque as pessoas são capazes de entender errado, mas a prisão fez bem pra ele, porque tudo que ele não tinha lido na vida ele leu na prisão.

**TN:** Ele mesmo disse isso algumas vezes.

**JK:** Thalita, ele dá aula. Aula! Eu fui visitá-lo – não como jornalista – quando morreu o neto dele – o Arthur, que era a paixão da vida dele, que era um menino lindo – por causa de uma história que... puta que o pariu, porra... de uma doença que consumiu o menino em 48 horas. Consegui autorização pra ir vê-lo. Aí chego em Curitiba. Os advogados dele vêm e falam assim: “Oh, é o seguinte Juca, faça muitas perguntas pra ele, porque senão ele vai te falar boa tarde e vai falar de política durante duas horas com você.”

**JK:** Eu falei: “Não, eu não vim aqui pra isso. Podem deixar comigo.” Entrei e disse assim pra ele: “Lula, aqui está um avô solidário.” Ele me deu um abraço. Eu perguntei: “Como é que cê tá?” Ele disse: “Eu tô bem, tô bem. Tô estudando muito. Juquinha – ele me chama de Juquinha – Juquinha, é o seguinte: quando eu sair daqui, cê nunca mais vai me ouvir falar em distribuição de renda. Eu vou passar a falar de distribuição

de riqueza... porque o Brasil, Juquinha...”, Thalita ele falou duas horas de política. De Brasil. Deu aula: “O quê que eu vou fazer melhor? O quê que eu não fiz e que eu deveria ter feito?”

**JK:** Chegou num ponto... e eu queria saber a respeito dele, do avô Lula!... mas, a partir de um determinado momento, pra mim ficou claro o seguinte: ou ele não quer falar disso ou ele não me acha interlocutor com intimidade o suficiente pra ele falar da dor íntima que ele tá sentindo. E eu vou respeitar. E eu não vou invadir. E eu vou ouvir o Lula. Thalita, se eu pudesse ter feito uma matéria – eu não podia escrever nada porque não era compromisso jornalístico – mas eu teria feito uma matéria pra ganhar prêmio!

**JK:** Porque era uma coisa... mas era uma enxurrada de ideias concatenadas [imitando a fala e os trejeitos de Lula]: “...A história do século vinte é a história das guerras por causa de petróleo. Tem um americano – não sei o nome do americano não – que escreveu um livro de oitocentas páginas, acabei de ler... quando deixou de ser o petróleo, passou a ser o gás por causa disso e daquilo... cê pensa que o que estão fazendo na Venezuela... esse Maduro é um maluco, mas o que estão fazendo na Venezuela é por causa disso e daquilo... o que estão fazendo no Iraque é por causa disso e daquilo...” Bom, e daí cê fala: cacilda! Esse cara... esse cara que veio de Pernambuco, que passou fome...

**TN:** ...torneiro mecânico.

**JK:** Torneiro mecânico. Absolutamente brilhante.

**TN:** E corintiano.

**JK:** Corintiano! Vascaíno no Rio, cê sabe, né?

**TN:** Bom, dois clubes com ideais bem populares.

**JK:** Exatamente.

**TN:** Juca, muito obrigada.

**JK:** Foi um prazer. Qualquer coisa a mais que você queira, cê aprendeu o caminho.

## Referências

AGÊNCIA F/NAZCA SAATCHI & SAATCHI. *Corinthiano, maloqueiro e sofredor. Graças a Deus!* São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/timao-lanca->

campanha-que-resgata-valores-da-fiel-corinthiano-maloqueiro-e-sofredor-gracas-a-deus. Acesso em: 10 set. 2024.

ASBEG, Pedro. *Democracia em Preto e Branco*. São Paulo: ESPN Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ydj0Wb4yLlLo&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 set. 2024.

BENDER, Beatriz Barbosa. O futebol no centenário da Guerra do Paraguai. *Ludopédio*, São Paulo, v. 182, n. 16, 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquivancada/o-futebol-no-centenario-da-guerra-do-paraguai/>. Acesso em: 10 set. 2024.

BOEKEN, Ludi; APEL, Niko. *Na estrada com Sócrates*. Laurence Uebersfeld, Hanneke van der Tas, 2014.

CASTRO, Lúcio de. *Memórias do Chumbo: O Futebol nos Tempos do Condor*. São Paulo: ESPN Brasil, 2012.

CAVALCANTE, Márcio. *Babêa Minha Vida*. Salvador: Movimento Filmes, 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gVA2FMrIhBo&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 set. 2024.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge; NOVELLI, Ana Lucia Romero (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2008, p. 62-83.

EXPRESSÃO POPULAR. Dom Paulo Evaristo Arns: o homem amado pelo povo, *Medium*, 2016. Disponível em: <https://medium.com/@expressaopopular/o-homem-amado-pelo-povo-dc8a89106205>. Acesso em: 10 set. 2024.

HAMBURGER, Cao. *O Ano em que Meus Pais Saíram de Férias*. Gullane e Caos Produções, 2006.

KFOURI, Juca. *Confesso que perdi: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KFOURI, Juca. *Entrevista concedida à Thalita Neves*. São Paulo, 8 set. 2022.

LEIFERT, Tiago. Evento esportivo não é lugar de manifestação política, *GQ*, São Paulo, 26 fev. 2018. Disponível em: <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>. Acesso em: 10 set. 2024.

LIRA, Susanna. *Torre das Donzelas*. Modo Operante Produções, 2018.

LIRA, Susanna. *Adriano, Imperador*. VIS/Paramount, 2022.

LIRA, Susanna. *Casão: Num Jogo Sem Regras*. Globoplay, 2022.

MARTINS, Herivelto. *Ave Maria no Morro*. Trio de Ouro, 1942.

PEREZ, Gilles; ROF, Gilles. *Os Rebeldes do Futebol*. ARTE France, 13 Productions, 2012.

PIRES, Breiller. O punho do Rei contra a ditadura: “Os militares me impediram de jogar a final de 77”, *Medium*, 2012. Disponível em: <https://medium.com/@breiller/o-punho-do-rei-contra-a-ditadura-os-militares-me-impediram-de-jogar-a-final-de-77-e9129d7c66a0>. Acesso em: 10 set. 2024.

REVISTA REALIDADE. Nestas esquerdas o Brasil confia. *Realidade*, 1970. Disponível em: <https://www.gazetasp.com.br/esportes/esquerdistas-da-selecao-animaram-ate-os-militares-em-1968/1114981/>. Acesso em: 10 set. 2024.

RODA VIVA. Casagrande comenta declaração de amor a Sócrates, *TV Cultura*, São Paulo, 9 mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tmR3WkW4okY&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 set. 2024.

TERRA, Renato. *Fla x Flu: 40 Minutos Antes do Nada*. São Paulo: Sentimental Filme, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tynoRS4OfqM>. Acesso em: 10 set. 2024.

VELOSO, Caetano. *É Proibido Proibir*. Álbum: A arte de Caetano Veloso, 1968.

## Fontes orais

KFOURI, Juca. [74]. [Setembro de 2022]. Entrevistadora: THALITA NEVES. São Paulo, São Paulo. 8 set. 2022.

Recebido em 16/09/2024

Versão final rerepresentada em 20/10/2024

Aprovado em 30/10/2024.

**Fonte de financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Bolsa.

**Conflitos de interesse:** Nada a declarar.